

A Conduta Profissional dos Professores de Ciências Sob as Lentes da Teoria Disposicionalista

The Professional Behavior of Science Teachers Under the Lenses of Dispositional Theory

Guilherme Nogueira Dias

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)/PPGEduC/UnB
dng1931@gmail.com

Ricardo Gauche

PPGEduC/UnB
ricardogauche@gmail.com

Resumo

O modo como os profissionais de Educação em Ciências se portam no ambiente escolar merece reflexão. Partindo do princípio de que, além de conteúdos, valores são ensinados aos alunos por meio da conduta dos professores, torna-se imperioso refletir sobre a atividade docente para além das estratégias de ensino-aprendizagem. Para lançar um olhar diverso sobre esse assunto, nos servimos da teoria disposicionalista. O objetivo desse artigo é apresentar uma pesquisa em andamento em que, por meio de um Retrato Sociológico de um professor de Química do Ensino Médio, inferimos algumas disposições desse docente e as vinculamos posteriormente à sua conduta profissional, com o intuito de promover reflexões sobre a natureza dos valores advindos dessas ações e sobre o impacto desses valores nos estudantes.

Palavras chave: conduta profissional, disposições, formação de professores.

Abstract

The way that science education professionals behave in the school environment deserves reflection. Assuming that in addition to content, values are taught to students through the behavior of teachers, it is imperative to reflect upon teaching activity in addition to teaching-learning techniques. To take a different look at this subject, we use the dispositional theory. The objective of this article is to present an ongoing research in which, through a Sociological Portrait of a Professor of Chemistry of Secondary Education, we infer some of his dispositions and link them to his professional behavior, with the intention of promoting reflections on the nature of the values derived from these actions and on the impact of these values on students.

Key words: professional behavior, dispositions, teacher training.

Introdução

Compreendemos ser necessário que a Pesquisa em Ensino de Ciências se debruce de maneira

mais veemente sobre a conduta profissional de seus professores. Essa demanda surge do entendimento de que ensinamos valores aos estudantes por meio de nossas ações dentro e fora do ambiente escolar, seja de maneira direta ou indireta, além dos conhecimentos científicos. Ao aceitar essa premissa, devemos nos questionar sobre as origens e natureza de nossas práticas e os valores que delas emanam. São questões que não se restringem a valores morais e ao tipo de cidadãos – individualistas ou altruístas – que queremos formar, mas também aos nossos valores educacionais, principalmente no que diz respeito à visão desses estudantes sobre as naturezas da Ciência, da atividade científica e suas imbricações com a sociedade.

Decidimos nos basear na teoria disposicionalista e na ética profissional como proposta por Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa” para realizar esta investigação da conduta profissional dos professores de Ciências. Para tentar identificar alguns princípios que regem a atividade de um docente, partimos de uma análise macrosocial, utilizando alguns conceitos da teoria dos *habitus* de classe de Pierre Bourdieu e das críticas de Bernard Lahire a essa teoria, que são a base de sua proposta de uma sociologia à escala individual. Nos valem do instrumento denominado Retrato Sociológico proposto por Lahire para inferir o patrimônio de disposições – conceituadas como os princípios geradores de práticas – de um professor de Química de Ensino Médio do Distrito Federal. Utilizamos a ética profissional descrita por Paulo Feire no livro supracitado para construir parâmetros para a análise da prática desse docente baseada nas disposições identificadas e para o estabelecimento de relações desses princípios e práticas com alguns valores de cunhos morais e educacionais.

Neste texto, apresentamos os resultados desta pesquisa sobre a conduta profissional de um professor de Química sob a ótica da teoria disposicionalista, com o intuito de contribuir com reflexões sobre as relações entre as disposições desse professor e sua prática.

O conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu

Bourdieu afirma que as práticas dos indivíduos podem ser justificadas a partir de um princípio unificador que as origina, denominado *habitus*. Bourdieu define *habitus* de classe como uma “forma incorporada da condição de classe¹ e dos condicionamentos que ela impõe” (BOURDIEU, 2017, p. 97). Nesse sentido, o *habitus* de classe seria estruturado por essas condições de classe e estruturante das ações dos indivíduos. Essas ações seriam regidas pelos *habitus* nas mais diversas situações, pois, segundo o autor (2017, p. 167), “os esquemas geradores do *habitus* aplicam-se, por simples transferência, aos mais diversos domínios da prática”.

As pessoas das classes populares agiriam tendo como princípios o pragmatismo e o funcionalismo. Princípios como o rigorismo ascético, o malthusianismo e a boa vontade cultural guiariam os indivíduos das classes médias, que buscariam por meio desses construir trajetórias de ascensão social. Os pertencentes às classes dominantes teriam como princípios geradores de suas ações a busca por distinção das classes médias e populares e o diletantismo no meio escolar.

A sociologia à escala individual de Bernard Lahire

A teoria do *habitus* proposta por Bourdieu recebeu diversas críticas, e dentre elas, destacam-se as realizadas por Bernard Lahire.

¹ Segundo Bourdieu, a delimitação das classes sociais origina-se na diferença dos volumes globais dos capitais econômico, cultural e social. As classes populares podem ser caracterizadas por deterem pequenos volumes desses capitais; as classes dominantes por possuírem grandes volumes e as classes médias teriam volumes que não as caracterizariam como umas ou outras.

Uma dessas é feita à noção de disposição presente no livro “A Distinção: Crítica social do julgamento”. Lahire a classifica como vaga, pois não existiriam definições precisas, apenas tipos e sua participação no corpo da teoria do habitus. Assim sendo, segundo ele,

Não temos nenhuma indicação do modo como poderemos reconstruí-las, nem de que maneira elas agem (ou seja, de que maneira são ativadas ou suspensas, segundo os domínios de práticas ou os contextos mais restritos da vida social). Elas são simplesmente deduzidas das práticas sociais [...] mais frequentemente observadas — estatisticamente — nas pessoas objeto de investigação. (LAHIRE, 2005, p. 15).

Lahire (2004, p. 27) define as disposições como “maneiras mais ou menos duradouras de ver, sentir e agir” que apresentam gêneses sociais.

Outra crítica diz respeito à mudança na escala da análise da apreensão do social pelas pessoas. Quando se sai da análise das práticas e gostos de grupos e se dirige à análise desses nos indivíduos, nos deparamos com singularidades que não podem ser explicadas pela noção de transferências simples entre os domínios das práticas. Ainda segundo Lahire (2005, p. 29), “quaisquer que sejam as suas propriedades sociais [...], uma mesma pessoa terá grandes hipóteses estatísticas de ter práticas e gostos variáveis do ponto de vista da sua legitimidade cultural, segundo os domínios [...] ou as circunstâncias da prática”.

Retrato sociológico como instrumento de pesquisa

Para tentar identificar o patrimônio de disposições de indivíduos e verificar questões referentes a homogeneidade, heterogeneidade e transferibilidade desse patrimônio, Lahire propôs um dispositivo metodológico denominado Retrato Sociológico. Esse é uma narrativa biográfica produzida pelo pesquisador a partir dos relatos do pesquisado sobre suas práticas, crenças e gostos em contextos diversos, como o familiar, o escolar e o profissional. A utilização desse dispositivo na Pesquisa em Ensino de Ciências possibilita a análise da prática docente sob outro ângulo, pois permite compreender as atitudes do sujeito de pesquisa à luz de outras de suas experiências socializantes (LIMA JÚNIOR; MASSI, 2015).

Nosso dispositivo de pesquisa

Decidimos investigar as práticas de um educador de Química de Ensino Médio de uma escola pública do DF, sob a lente da teoria disposicionalista, utilizando a metodologia proposta por Lahire.

Definimos três temas a serem abordados em entrevistas realizadas em momentos distintos com o sujeito da pesquisa: vida escolar, familiar e profissional. Com relação à sua educação formal, era de nosso interesse que o entrevistado descrevesse as escolas em que estudou, seu desempenho acadêmico e as relações interpessoais desenvolvidas nesses meios. No que diz respeito à família, buscamos compreender as relações entre os componentes do núcleo familiar do entrevistado, assim como suas práticas culturais e escolares.

Para a entrevista sobre a vida profissional do sujeito, decidimos estabelecer alguns parâmetros baseados na deontologia da atividade docente proposta por Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa” e em reflexões sobre ética e autonomia de Ricardo Gauche [GAUCHE (2001); GAUCHE; TUNES (2002)] que nos permitissem estabelecer relações entre as disposições já inferidas a partir das duas primeiras entrevistas e a conduta que julgamos condizentes com os valores éticos e educacionais imprescindíveis à prática educativa.

A partir dos relatos obtidos por meio das entrevistas, construímos o Retrato Sociológico de nosso sujeito da pesquisa.

Resumo do Retrato Sociológico de Alexandre Antunes

Alexandre Antunes², 43 anos, trabalha em uma escola pública na cidade de São José. Atua, no turno vespertino, como supervisor pedagógico da escola, e, à noite, como professor de Química nos três Anos do Ensino Médio.

Na visão de Alexandre, seu núcleo familiar na infância era formado por ele, sua mãe e seu irmão, a despeito de em vários momentos, por circunstâncias financeiras, alguns parentes compartilharem a morada com esse núcleo e, em outros, o próprio Alexandre residir em casas de parentes.

Sua mãe, Luíza, investiu financeiramente em sua educação ao colocá-lo em algumas conceituadas escolas particulares da cidade de Cruzado. Alexandre estudou nove anos em uma escola confessional e os últimos dois anos da Educação Básica em outra escola particular laica. Ele considera que seu desempenho escolar durante a Educação Básica era apenas mediano, o que ocasionou algumas dificuldades para seu ingresso na Educação Superior.

Por influência de sua mãe, que trabalhava como agente administrativo da Secretaria de Saúde do DF, Alexandre tentou por algumas vezes a aprovação no vestibular da Universidade de Brasília (UnB) para cursos relacionadas à Área de Saúde, mas não obteve sucesso. Por sugestão de seu grande amigo Fabiano, que cursava Química na Universidade de Brasília, voltou suas energias para tentar o ingresso nesse curso e conseguiu a sonhada aprovação. Alexandre se tornou o primeiro indivíduo de sua família a ingressar na Educação Superior. O seu período na Universidade de Brasília também foi marcado pela construção de grandes amizades e pelo hedonismo, advindo da sensação de liberdade proporcionada pela vida acadêmica.

Sua trajetória profissional iniciou-se com trabalhos em regime de contrato temporário e, logo após a graduação, foi aprovado em concurso público para o cargo de professor da Secretaria de Estado de Educação do DF e foi lotado em 2007 já nessa escola de São José, tendo lá permanecido desde então.

As disposições inferidas a partir dos relatos de Alexandre Antunes

Da sua longa experiência na Educação Básica em escolas confessionais, Alexandre afirma ter adquirido uma **disposição à retidão moral**: *“Eu devo ter esse gatilho, que é alguma coisa moral que me impede de fazer alguma coisa que eu não acho que aquilo lá é justo ou que aquilo lá vá fazer mal a alguém, ou vai fazer mal para mim mesmo”*³. A origem dessa disposição pode ser remontada à metodologia educacional das escolas, pois diariamente os alunos eram expostos a histórias com cunho moral e que também exaltavam o ascetismo.

Em seus relatos, Alexandre recorrentemente se refere a um grande número de amigos que fez nos diversos estágios de sua vida, e com os quais mantém contato ainda hoje. Ele se considera uma pessoa amistosa e sociável, e não lembra de momentos em que não tenha sido assim: *“Não [me recordo de uma situação] que eu ficaria mais retraído e que não estaria disposto a fazer amizade. Acho que não existiu nenhuma situação assim não”*. Isso nos leva a supor a existência de uma **disposição à sociabilidade**, que pode ter surgido pelo costume em estar constantemente rodeado de familiares na sua infância.

A **disposição à meticulosidade** pode ser inferida a partir da afirmação de Alexandre: *“Eu sempre fui metódico”*. Como exemplo, ele cita o cuidado que tinha com seus cadernos: *“Na*

² Nome fictício, como feito com as localidades e Instituições.

³ Os trechos em itálico correspondem à fala do retratado sem a edição dos pesquisadores.

escola, por exemplo, [...] de repente eu rabisquei, borrei ali, eu sou capaz de rasgar a folha e escrever tudo de novo. Desde quando eu era moleque, o caderno tinha que ser bonito”.

Outra disposição se revelou transitória, identificada apenas pelo período em que Alexandre cursou a Educação Superior, por nós denominada de **disposição à sugestibilidade**. Nessa época, ele era constantemente influenciado pelas sugestões de sua mãe, Luíza e de seus amigos. A falta de outras sugestões (orientações) também é destacada por Alexandre em certos trechos de seu relato: *“Alguém de fora, que assim, fosse meu tutor [...] alguém lá em cima falando assim: ‘Bicho, você pegou essas matérias aqui, não é? Cara, você vai ter que passar em todas aqui até o final do ano’”.*

O patrimônio de disposições de Alexandre mostrou-se heterogêneo, como previsto por Lahire. Ao passo que é possível afirmar a existência de disposições que originem ações ascéticas, Alexandre teve comportamento hedonista na Universidade, o que nos permite verificar a variação das práticas de acordo com o tempo e o contexto. No entanto, o ascetismo e o investimento na educação como meio de ascensão social são condizentes com os *habitus* de indivíduos das classes médias, o que também corrobora a teoria do *habitus*.

Reflexões sobre as disposições e conduta profissional de Alexandre

Alexandre manteve a característica sociável em suas práticas profissionais, mas não na extensão em que a exerceu anteriormente. Essa sociabilidade o auxilia na mediação de conflitos exigida pelo cargo de supervisor pedagógico. Aos educandos ele também apresenta a característica amigável, mas com certo distanciamento: *“Sou carinhoso, sou atencioso, tento me aproximar deles nas aulas, converso, falo sobre assuntos diversos, mas sempre no campo professor-aluno, [...] sempre dentro da escola”.* Para Freire, apesar de ser incerta a existência de uma relação proporcional entre o distanciamento afetivo e a aprendizagem, a afetividade não pode interferir no cumprimento ético do dever de professor (FREIRE, 2005, p.141). Alexandre expressa esta preocupação quando afirma que *“a minha autoridade é baseada no respeito, ser firme quando é necessário e estender a mão também quando é necessário [...] É uma troca. [...] Sou brincalhão, abraço, sou amigo, converso sobre tudo, mas ao mesmo tempo também cobro, exijo respeito, [...] exijo postura”.*

A meticulosidade aparece basicamente em atitudes relacionadas à estética visual. Suas anotações no quadro são bem organizadas, assim como as listas, tarefas e avaliações são impecavelmente revisadas para que não existam erros a serem corrigidos. Quando perguntado sobre como a meticulosidade influenciava no convívio com os estudantes, ele afirmou já ter se frustrado com a desorganização dos cadernos deles, mas que isso não ocorria mais, pois passou a respeitar as individualidades: *“Os meninos têm as peculiaridades deles, [...] eles precisam é entender [o conteúdo]. Já fiquei frustrado, mas hoje não mais. Cada um tem o seu jeito”.* O respeito à individualidade dos estudantes, que no discurso de Alexandre se apresenta inicialmente no respeito às formas de organização das anotações, é um dos pilares da ética profissional na visão de Freire: *“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”* (FREIRE, 2005, p. 59). Esse respeito à individualidade e a rejeição à discriminação em suas variadas formas são reiterados por Alexandre em outros trechos de seu discurso.

Quanto à retidão moral, é possível relacioná-la a seu compromisso com o trabalho, no sentido de que ele se dedica sobremaneira às funções que desempenha na escola, e de que reflete diariamente sobre sua prática: *“Eu já acordo pensando no que vou fazer na escola para melhorar”.* Tanto a reflexão sobre a prática quanto o comprometimento são saberes exigidos à prática docente (FREIRE, 2005). Ainda ao refletir sobre seus preceitos morais, Alexandre reportou não tentar repetir com seus alunos a prática de inculcação a que foi submetido em seu

tempo de estudante, pois entende que a profissão de educador perdeu parte de sua influência sobre os estudantes: *“Não conseguiria transmitir isso para um aluno meu, [...] o comportamento de um aluno que eu tentasse mudar através disso, é claro que a nossa batalha é fazer isso, mas hoje em dia boa parte dos nossos alunos não acredita mais no professor”*.

A sugestionabilidade de Alexandre não se transferiu para a sua vida adulta. Ele compreende que o aumento de suas responsabilidades, representadas pela sua entrada no mercado de trabalho e o casamento o tornaram mais seguro e mitigaram as influências de pessoas como sua mãe e alguns de seus amigos mais próximos. Um exemplo que podemos fornecer de que essa disposição não comanda a sua conduta profissional está relacionada à compreensão de Alexandre sobre autonomia. Quando questionado sobre esse conceito, ele a relacionou à segurança com que resistia às influências e pressões exercidas por alguns agentes externos e internos com demandas que ele julgava inadequadas.

Considerações finais

O Retrato Sociológico se apresentou como um dispositivo poderoso para a pesquisa em Ensino de Ciências. Por meio dele, realizamos a inferência de diversos princípios que guiam as ações de Alexandre e tentamos compreender como e se essas disposições se transferem à sua prática profissional.

É possível concluir que, em determinados momentos, as disposições aproximam Alexandre da ética profissional freiriana, mas em outros não. Apesar de exprimir o desejo de sempre melhorar sua prática, ainda existem situações que demandam maiores reflexões, como no caso da sua opinião sobre a descrença de estudantes em professores, pois como Freire mesmo aponta, somos inacabados. O conhecimento de suas disposições, que por vezes podem ser inconscientes, pode auxiliar nesse processo.

Por ser tratar de uma pesquisa em andamento, alguns argumentos podem e devem ser aprofundados, mas essa necessidade não invalida a reflexão proporcionada pelo processo.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2017. 560p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 154 p. (Coleção Leitura)
- GAUCHE, Ricardo. **Contribuição para uma análise psicológica do processo de constituição da autonomia do professor**. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, UnB, Brasília, 2001.
- GAUCHE, Ricardo.; TUNES, Elizabeth. **Ética e Autonomia: A visão de um professor do Ensino Médio**. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 15, p. 35-38, mai. 2002.
- LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 49, p. 11-42, set./dez. 2005.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: Disposição e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LIMA JÚNIOR, Paulo; MASSI, Luciana. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v.21, n. 3, p. 559-574, jul./set. 2015.